

PRESERVANDO A MEMÓRIA VALEPARAIBANA

Odilon Nogueira de MATOS

Publicação não muito recente, mas da qual só há pouco tomei conhecimento graças à autora que gentilmente enviou-me um exemplar, pôs-me a par de uma série de ensaios de natureza sócio-econômica relativos a áreas valeparaibanas. A autora, professora Lucinda Coutinho de Mello Coelho, minha preclara confreira do Instituto Histórico Brasileiro e com quem já tive oportunidade de me encontrar em diversas reuniões culturais, informa, de início, que seus trabalhos constituem "contribuições para a elaboração de uma história regional valeparaibana". Contribuições, aliás, valiosas, visando particularmente às regiões de Guaratinguetá e Bananal.*

Registre-se que uma delas - a cafeicultura em Bananal - foi originalmente apresentada a um Congresso de História de São Paulo, realizado em Araraquara, em 1974. Iniciativa essa - a dos congressos de História de São Paulo - da qual tive a honra de ser o idealizador e o organizador do primeiro, que teve lugar em Campinas, em 1972, mas que, infelizmente não teve prosseguimento, tendo sido realizado apenas mais o de Araraquara. A ambos, compareceu a professora Lucinda com valiosas contribuições.

A presença valeparaibana nas preocupações da autora remonta às suas próprias origens (Guaratinguetá) e tem sido altamente estimulada pelo **Instituto de Estudos Valeparaibanos**, feliz iniciativa do professor José Luiz Pasin e fundada efetivamente, segundo informa o próprio

(*) Ensaio sócio-econômico da áreas valeparaibanas. Prof. de José Luiz Pasin. Rio de Janeiro, Asa Artes Gráficas, 1984. 120p

fundador, em junho de 1973 por um grupo de professores e alunos do curso de História da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, reunido no auditório do Museu Frei Galvão, em Guaratinguetá.

É ainda o próprio professor Pasin quem nos dá conta dos objetivos da entidade que idealizou: "Aglutinar os estudiosos da região valeparaibana, defender seu patrimônio cultural e ambiental, organizar um arquivo e uma biblioteca especializada em assuntos valeparaibanos e lutar pela urbanização e revitalização dos espaços turísticos e históricos".

E como realizar isso? É o próprio professor Pasin quem responde: "Promovendo simpósios de história, seminários, cursos, estudos, pesquisas e debates; patrocinando edição de livros, jornais e revistas, fundação de museus, casas de cultura e bibliotecas e conseguindo o tombamento de sítios, igrejas, capelas, sedes de fazendas, árvores centenárias, solares e núcleos históricos e artísticos", resultando disso tudo que o Instituto de Estudos Valeparaibanos tenha se constituído no "movimento mais importante em assuntos de história, geografia, literatura, folclore e meio ambiente em toda a bacia do rio Paraíba do Sul".

"Em diversos municípios da nossa região - prossegue o professor Pasin - pesquisadores e estudiosos se reúnem, debatem temas, apresentam propostas, pressionam autoridades, movimentam estudantes, escrevem artigos, participam de entrevistas e mesas-redondas e dão uma importante contribuição ao desenvolvimento cultural de uma das regiões mais caracteristicamente definidas do país".

Este parágrafo final de longa transcrição do dinâmico professor e historiador de Roseira, parece-me o mais significativo de todos, pois teve (ou está tendo) como resultado precípuo criar uma "consciência" valeparaibana, da qual só encontro similar em algumas regiões do Rio Grande do Sul.

Permito-me reincidir mais uma vez numa citação oportuna do professor Pasin, quando lembra que o Instituto de Estudos Valeparaibanos, "entidade pioneira e revolucionária" é atualmente uma ONG (Organização não-governamental) "conhecida e respeitada em todo o Brasil, participando de comissões, grupos de estudos e comitês" com numerosas propostas e iniciativas para a preservação da memória da área que lhe diz respeito.

A maneira mais eficiente que se encontrou para realizar tão vasto programa foi a realização de simpósios bienais, cada vez sediado em localidade diferente. Talvez não haja cidade da área paulista onde não se tenha realizado alguma dessas reuniões, sempre muito concorridas e com apresentação de trabalhos valiosos. É uma pena que não tenha havido condições para a publicação regular dos respectivos anais. Numa primeira versão desta nota, estampada em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu, informei que só tinha conhecimento apenas dos anais do Simpósio de Juiz de Fora, publicados - acrescentei - "graças aos esforços de Wilson de Lima Bastos". Dias depois, enviado por alguém que, infelizmente, não se identificou, mas que - tudo o indica - tomou conhecimento do que escrevi, recebi os anais referentes ao XIIº Simpósio, realizado em 1994 em São José dos Campos. Agradeço por esta nota a gentileza de quem m'o enviou. Este volume, muito bem apresentado, centrou sua temática em "Migrações no Vale do Paraíba", enfeixando 16 contribuições, todas de muito interesse e abordando os mais variados aspectos do importante tema. Subsídio valioso, pois, para a história interna de uma importante região do Brasil.

Todavia, a ausência dos anais tem sido compensada por outras publicações promovidas pelo IEV ou em convênio com outras entidades culturais do Vale do Paraíba. Tive oportunidade de receber, enviado - suponho - pela própria diretoria do Instituto, um número dos "Cadernos Culturais do Vale do Paraíba", editado em convênio com o Centro Educacional Objetivo e com a Fundação Nacional do Tropeirismo (sediada em Caçapava). Em bela apresentação oferece-nos uma gama imensa de temas valeparaibanos: preservação do patrimônio ambiental, emigrantes, Cunha, arquitetura, coronelismo, Caçapava, Monteiro Lobato e o planejamento do Vale do Paraíba, notícia histórica de Itatiaia, o carnaval em Guaratinguetá, transformações econômicas e demográficas do Vale, e ainda outros mais, incluindo um estudo de Wilson de Lima Bastos sobre o vale do Paraíba, onde se situa a grande e bela cidade de Juiz de Fora, terra do autor e que muito de perto toca também ao signatário desta nota, que aí realizou sua formação humanística, em tempos que já vão bem longe, mas à qual continua vinculado até hoje.

Além disso, edita o IEV, mensalmente, um substancial "Boletim Informativo", que, além de informações (como o título o indica), das realizações do Instituto, apresenta também colaborações

sobre assuntos, como, entre outros, e apenas pinçando-os ao acaso, o tráfico de escravos no Alto Paraíba, a Igreja do Rosário (de Taubaté), a cultura da vinha em Cunha, a "agonia" do rio Paraíba, Euclides da Cunha em Lorena, o índio, o branco e o negro na formação histórico-cultural da parte paulista do Vale, o sítio arqueológico Santa Marina. Por uma notícia de um desses boletins, tomamos conhecimento da realização do próximo Simpósio, a realizar-se em setembro deste ano em Campos do Jordão. Enfim, tantas as informações recebidas pelas publicações enviadas, e às quais mais uma vez agradeço, que me permitiram ampliar consideravelmente a nota originalmente estampada na folha ituana.

O Vale do Paraíba - seria desnecessário lembrá-lo, compreende áreas paulistas, fluminenses e mineiras. Daí, a "Princesa do Paraíba" ter sido escolhida para sede de uma das reuniões. O Paraíba, rio que banha Juiz de Fora, lança-se no Paraíba em Três Rios, bem próximo ao local onde, vindo de sentido oposto, lança-se também o Piabanha. Daí, o nome que foi dado à cidade, outrora chamada Entre Rios. Coincidentemente os seus "três rios" começam todos com a letra P... Das cidades fluminenses, tenho notícia de simpósios valeparaibanos realizados em Vassouras, Paraíba do Sul e Itatiaia. E, possivelmente algum outro, que tenha escapado à minha memória.

Prefaciando o livro da professora Lucinda Coutinho de Mello Coelho (que motivou esta nota), arrola o professor Pasin numerosos autores - geógrafos, historiadores, sociólogos e antropólogos - que tomaram o Vale do Paraíba como tema de seus trabalhos, infelizmente muitos já falecidos. Ainda há pouco perdemos Paulo Pereira dos Reis, de quem já me ocupei em diversas ocasiões e a quem tive o privilégio de receber na Academia Paulista de Letras, e em cuja memória foi instituída uma "medalha de mérito", conferida pela primeira vez ao professor Aziz Nacib Ab'Sáber, geólogo eminente, natural de São Luís do Paraitinga, e berço de Oswaldo Cruz e, coincidentemente, também terra de outro eminente geógrafo, o professor Ary França.

Ao rol do professor Pasin, acrescentarei mais alguns nomes também bastante expressivos, lembrando, naturalmente, aqueles com quem tive maior relacionamento: Felix Guisard Filho, Carlos da Silveira, Agostinho Ramos, o já citado Paulo Pereira dos Reis, Hilton Federici, Aroldo de Azevedo, Mota Sobrinho, Carlos Eugênio Marcondes de

Moura, Benedito Lencioni, Francisco Sodero Toledo, o casal Maia (de Guaratinguetá), Paulo Florençano, José Vicente de Freitas Marcondes, Lucila Hermann, Nice Lecocq Müller, Wilson Lima Bastos, Maria Morgado de Abreu, Lycurgo de Castro Santos Filho, José Geraldo Evangelista, Nelson Pesciotta (o atual presidente do I. E. V.) e, naturalmente, os que constituíram o motivo fundamental desta evocação: José Luiz Pasin e Lucinda Coutinho de Mello Coelho.

A existência e o trabalho do Instituto Valeparaibano estimulou a criação de entidade similar, relativa ao Médio Tietê, fundada há pouco em Itu e já com atividade bastante acentuada na área que lhe diz respeito. Oxalá frutifiquem outros exemplos.